



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LARISSA MOURA DA SILVA MACHADO DE OLIVEIRA

**ENROLADOS: UMA TRAMA DE SIGNIFICANTES E RESIGNIFICAÇÕES PELA
VIA DO LÚDICO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

CAMPINA GRANDE

2018

LARISSA MOURA DA SILVA MACHADO DE OLIVEIRA

**ENROLADOS: UMA TRAMA DE SIGNIFICANTES E RESIGNIFICAÇÕES PELA
VIA DO LÚDICO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em **Psicologia** da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48e Oliveira, Larissa Moura da Silva Machado de.
Enrolados [manuscrito] : uma trama de significantes e ressignificações pela via do lúdico e contação de história / Larissa Moura da Silva Machado de Oliveira. - 2018.
28 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Psicanálise. 2. Contação de história. 3. Brincar.
21. ed. CDD 150.195

**ENROLADOS: UMA TRAMA DE SIGNIFICANTES E RESIGNIFICAÇÕES PELA
VIA DO LÚDICO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS**

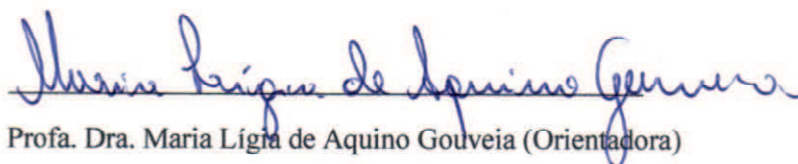
Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado ao Curso de Graduação em **Psicologia** da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia

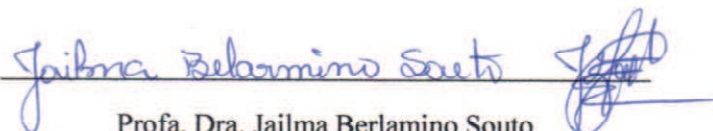
Aprovada em: 13/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



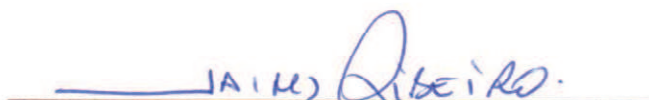
Profa. Dra. Maria Lígia de Aquino Gouveia (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Jailma Berlamino Souto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Jaims Franklin Ribeiro Soares

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

DEDICO esse trabalho aos meus pais: Gilberto Machado e Francinete Moura. Aos meus queridos irmãos. E ao meu Grande Outro da Psicanálise: Nayara Sátiro.

AGRADECIMENTOS

Aos meus tios, Maria Eudes Emiliano e Roberto Moura, por terem ofertado o suporte inicial para eu ir em busca do meu sonho de fazer minha graduação. Sou grata a vocês pela conquista que hoje vivencio.

Aos meus irmãos: Diego Machado, Ana Raquel Moura, Matheus Kaiman Fernandes e Lorrان Fernandes. Gratidão pela parceria e companhia que sempre me fizeram durante essa minha caminhada.

À minha Orientadora Maria Lígia Gouveia de Aquino pelo suporte e orientação que foram tão importantes no meu processo de escrita em Psicanálise.

À minha Orientadora de Estágio Supervisionado V Jailma Berlamino Souto, pela orientação durante meu percurso de formação, bem como pela sua admirável transmissão da causa Psicanalítica.

Por fim, gratidão imensa a todos que quando possível me deram um suporte e pela parceria de amizade, em especial: Syzaine Pamela Santana e Rafaela Elias.

“Todo caminho da gente é resvaloso. Mas também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta!... O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: Esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem [...]”

Guimarães Rosa,

Grande Sertão: Veredas.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO.....	10
1.1 O Sujeito e sua Constituição.....	12
1.2 Inconsciente e Linguagem: Sujeito de Desejo.....	14
1.3 Do Significante aos tempos estruturais do sujeito: O brincar como fazer Infantil.....	15
2-MÉTODO.....	17
3-RECORTES E DISCUSSÃO DA OFICINA.....	18
4-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

ENROLADOS: UMA TRAMA DE SIGNIFICANTES E RESIGNIFICAÇÕES PELA VIA DO LÚDICO E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Larissa Moura da Silva*

RESUMO

Desde o período da colonização, a infância no Brasil é marcada pela violência e maus tratos. Desse modo, orfanatos, casas de misericórdias, escolas profissionalizantes, reformatórios, asilos e creches buscaram atender de forma assistencial toda essa conjuntura. No período de 1990 com a promulgação do ECA, todas as crianças, sem quaisquer distinção, tornaram-se sujeito de direitos. Dentre as medidas assistenciais ofertadas pelo estado estão as instituições de acolhimento, sendo estas, classificadas como uma medida de alta complexidade. Diante desse contexto e das problemáticas de violação de direitos sociais, as dificuldades vivenciadas pelas famílias, bem como a desarticulação entre as políticas públicas e a aniquilação do lugar de sujeito na dinâmica funcional das instituições; dificuldades essas vivenciadas pelas crianças acolhidas, faz-se essencial uma intervenção para que essas crianças superem tais dificuldades que as levaram a ser tutela provisória do estado. Com base na parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e uma instituição de acolhimento do município de Campina Grande-PB, foi realizado um projeto Infante/Juvenil com meninas em casa de acolhimento institucional com o objetivo de ofertar um espaço de escuta, manejo e acolhimento das demandas subjetivas dessas meninas que encontram-se desamparadas e acolhidas sob tutela estatal. O presente estudo trata da análise de um recorte de um período de realização do referido projeto. Tanto o manejo quanto as análises realizadas a partir dos recortes das oficinas, foram fundamentados nos referências teóricos da Psicanálise em Freud e Lacan; tomando-se como base o aforismo: “O inconsciente estruturado como linguagem”, bem como os significantes presentes nos discursos das meninas, apostava-se em um saber fazer, pela via do brincar, daquilo que era fonte causa de angústia; de modo a ofertar um lugar para a singularidade e produção subjetiva.

Palavras-chave: Brincar. Contação de história. Instituição de Acolhimento. Psicanálise.

* Graduada em Psicologia pela UEPB. E-mail: larissamoura.psico@gmail.com

INTRODUÇÃO

A infância no Brasil, desde a colonização, é marcada pela violência e maus tratos (abusos sexuais, mortalidade infantil elevada, negligência familiar, social e do Estado). Ao longo da história, diversas foram as configurações institucionais para atender a vulnerabilidade da infância brasileira nas várias formas de assistência social - Santas casas de Misericórdia, orfanatos, escolas profissionalizantes, reformatórios, asilos, creches -, todas de cunho assistencialista, limitando a participação social desse grupo. Nessa perspectiva de assistência à infância havia uma clara segregação – a infância de grupos de boa condição econômica e a infância pobre. Para a infância pobre restava apenas as medidas punitivas e restritivas de participação social.

Os marcos históricos que destacam uma efetiva mudança da consideração da infância no contexto brasileiro, do ponto de vista jurídico e político, foi a constituição brasileira de 1988, e em seguida a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA - em 1990. Esse momento da história do Brasil, pós ditadura militar e de muitas articulações da sociedade civil, impulsiona uma nova perspectiva política institucional, na qual todas as crianças, sem qualquer distinção, são concebidas como sujeito de direito.

Com base na nova constituição a política da Assistência Social é reestruturada. Em 1993 foi instituída a Lei Orgânica da Assistência Social (Loas) (Brasil, 1993), que possui diretrizes de descentralização político-administrativa, participação popular e responsabilidade do Estado para conduzir a política de assistência social, em cada esfera de governo (municipal, estadual e federal)

Para operacionalizar as diretrizes da Loas, em 2004 foi aprovada a Política Nacional de Assistência Social (Pnas) (MDS, 2004) e sua Norma Operacional Básica (MDS, 2006) em julho de 2005, visando orientar uma nova gestão para o Sistema Único da Assistência Social. Dentro deste novo contexto político institucional do Pnas são criados os serviços de Proteção Social Especial.

A Proteção Social Especial é dividida em dois níveis: média e alta complexidade. Na média complexidade os serviços estão voltados ao atendimento às famílias e aos indivíduos com seus direitos violados, mas que não tiveram o vínculo familiar e comunitário rompido, já o serviço de alta complexidade diz respeito aos casos

que se configura o rompimento do vínculo familiar e comunitário, e o sujeito necessita de proteção especial e temporária, não podendo contar com o cuidado da família. O atendimento, nesses casos, são voltados à reconstrução do vínculo familiar e à autonomia do indivíduo. Um dos serviços oferecidos na política de proteção especial de alta complexidade é o Serviço de Acolhimento Institucional.

O acolhimento institucional deve acontecer em uma unidade com características residenciais, para grupos de até vinte crianças ou adolescentes, deve ser provisório e excepcional, garantindo a proteção integral, o convívio familiar e comunitário, a privacidade, a individualidade, o respeito as tradições culturais, a diversidade de arranjos familiares, a religião, o gênero e a orientação sexual (Brasil, 2008).

No acolhimento institucional as crianças e adolescentes terão sua situação reavaliada, em no máximo a cada seis meses, visando reintegração familiar ou colocação em família substituta. O prazo máximo para a permanência da criança e do adolescente em acolhimento institucional não deverá exceder o período de dois anos, salvo comprovada necessidade, devidamente fundamentada pela equipe que o acompanha.

Nesse contexto de acolhimento institucional muitas problemáticas são postas: a violação de direitos sociais das famílias acolhidas; as dificuldades que atravessam as relações familiares de forma transgeracional; a inoperância das políticas no Estado brasileiro; a desarticulação entre as políticas públicas e a aniquilação do lugar de sujeito no trato funcional das instituições. Assim, frente a tantos desafios, muitas crianças e adolescentes passam anos de suas vidas acolhidas em instituições, necessitando de medidas para superação das dificuldades que as levaram a ser acolhidas.

Diante do contexto que vivem crianças em acolhimento institucional foi proposta uma parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba –UEPB- e uma instituição de acolhimento do município de Campina Grande-PB, para realização de um projeto de extensão do departamento de psicologia, titulado: Lar Possível Lar: Projeto de extensão em Psicologia Infante/Juvenil com meninas em casa de acolhimento Institucional. Esse projeto foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Psicanálise na Saúde, Educação e Artes com o objetivo de ofertar um espaço de escuta, manejo e acolhimento das demandas subjetivas de crianças e adolescentes que encontram-se desamparadas e acolhidas sob tutela Estatal. O presente estudo trata da análise de um

recorte de um período de realização do referido projeto. Tanto o manejo nas oficinas, como as análises realizadas foram fundamentados nos referenciais teóricos da psicanálise em Freud e Lacan.

O SUJEITO E SUA CONSTITUIÇÃO

“É preciso tempo para fazer traço daquilo que falhou [défailli] em se revelar de saída.” (LACAN, 1901-1981. Pág. 427)

No imaginário do par parental um filho é idealizado e falado bem antes de seu nascimento. É no contexto da pertença cultural e transgeracional que uma criança será gerada segundo o desejo do desejo do outro, e por esse, terá que responder ao nascer (PISETTA, BESSET, 2011).

A chegada do bebê humano ao mundo é marcada pelo desamparo, sendo necessário um Outro tutelar que se ocupe a dar suporte a sua sobrevivência (ELIAS, 2004). Nesse encontro do bebê com o Outro além do atendimento das necessidades básicas como alimentação e higiene, esse momento é marcado por experiências de satisfação originária, essa satisfação tenderá a ser buscada a fim de repeti-las, entretanto, sem nunca alcançar a mesma experiência vivida (PISETTA, BESSET, 2011).

Nesse encontro da mãe - encarnando O Outro – e o bebê, significantes serão ofertados, atravessando os cuidados diários. O bebê colocado nesse primeiro tempo no lugar de objeto, aliena-se aos traços identificatórios maternos, podendo ser nomeada como objeto fantasma desse Outro. A alienação fazendo constituir um sujeito por intermédio da ação linguística alienante, que através dos significantes postos pelo grande Outro ordenará e capturará o corpo do bebê (NASCIMENTO, 2010).

Em um movimento de mão dupla bebê-mãe (Outro), entre demandas e ilusão de resposta, o bebê é capturado dentre diversos significantes que lhe são ofertados, porém os significantes não sustentam um sentido completo dado pelo Outro, sempre havendo um resto, uma incompletude, uma falta (ELIAS, 2004). Além disso, quando o bebê aliena-se a imagem da figura materna, estrutura-se uma relação especular, imaginária. A criança configura novas demandas, dentre estas, a de ser desejada por esse outro; além de ter o outro como seu desejo. Durante os 6 meses de vida aproximadamente, ao se deparar com sua imagem no espelho, o bebê esboça uma reação jubilosa. Diante desse fato, Lacan constrói uma teoria sobre o narcisismo e a identificação primária. Segundo o

autor, o humano carrega consigo desde cedo uma representação fantasmática do seu corpo, essa representação se anuncia de forma fragmentada, repercutindo durante toda a vida do sujeito.

Quando se ver no espelho, a criança percebe uma imagem total de seu corpo que não tinha antes desse momento de construção narcísica. Diante dessa integridade corpórea, o lactante percebe a imagem especular que lhe é ofertada na relação imaginária com a mãe.

“Nesta identificação com uma imago que não é mais do que a promessa daquilo que virá a ser, há uma falácia: o sujeito se identifica com algo que não é. Na verdade, acredita ser o que o espelho ou, digamo-lo logo, o olhar da mãe lhe reflete. Identificando-se com um fantasma; usando o termo lacaniano, com um imaginário. Desde muito cedo; o homem fica preso a uma ilusão, da qual procurará se aproximar pelo resto de sua vida. Ser um herói, ser superman ou o Cavaleiro Solitário, ser um gênio, não mais do que versões do processo imaginário”.

(BLEICHAMAR, BLEICHAMAR, 1992. Pág. 144)

Nessa relação alienada entre o Outro e o bebê, se faz necessária a intervenção de um terceiro, o que metaforicamente denomina-se Nome-do-Pai, que institui uma certa separação entre a mãe e o bebê, abrindo um espaço para o sujeito desejante (PISETTA, BESSET, 2011), permitindo o ingresso da criança na ordem simbólica (NASCIMENTO, 2010). Assim, o corte na relação especular sustentada pelo Outro, leva o sujeito ao encontro com a falta primordial, a castração, ocorrendo um movimento de separação e entrada na linguagem.

Uma vez alienado ao desejo do Outro, o bebê se captura a um, dentre os diversos significantes que lhe são ofertados. Porém, os significantes não sustentam um sentido completo dado pelo Outro, sempre haverá uma perda, uma incompletude, uma falta. (ELIAS, 2004). Nessa relação alienada entre o Outro e o bebê, faz-se necessária a intervenção de um terceiro, funcionando inconscientemente pela via da lei; separando assim, a mãe desse bebê que enquanto objeto, passa a se estruturar como sujeito, constituindo seus próprios desejos (PISETTA, BESSET, 2011

INCONSCIENTE E LINGUAGEM: SUJEITO DE DESEJO.

“Só há inconsciente no ser falante [...] O inconsciente, isso fala” (LACAN, 1901-1981. Pág. 510)

Lacan, seguindo o rastro da descoberta freudiana do inconsciente como a outra cena, que atua com lógica da condensação e do deslocamento, faz a relação com as leis da linguagem: metáfora e metonímia; inspira-se na Linguística de Ferdinand Saussure, subverte o signo saussuriano e toma o significante por primazia sobre o significado, extraindo dessa operação que o inconsciente é estruturado como linguagem (QUINET, 2003).

Do aforismo de Decartes “Penso, logo sou”, Lacan reescreve em “Penso onde não sou e sou onde não me penso” marcando, no rastro de Freud que o “eu não é senhor em sua própria casa”. Ao falar de inconsciente, fala-se de desejo e sujeito, estes manifestados pela via do significante. Ao trazer em seu discurso uma palavra, é preciso que se escute para além do significado comum que este signo linguístico remete, sendo relevante situar o que esta palavra diz sobre a verdade do sujeito (QUINET, 2003).

Na análise portanto, trata-se da articulação entre um significante e outros significantes que circulam na cadeia linguística do falasser. A intervenção do analista atua em uma aposta de que o sujeito construa novos significados para os significantes que norteiam a existência do sujeito. Lacan pontua que há uma prevalência do significante em relação ao significado. O que na verdade ocorre é a ausência de um significado único e fixo para cada significante, pois o próprio significado é outro significante, ou outros significantes, fazendo assim um deslizamento na cadeia que constrói os mesmos, deslizando e escapando a significados (QUINET, 2003).

Freud em suas obras nomeia essas cadeias de associativas, enquanto Lacan de cadeias significantes. Desse modo, com base na releitura feita a partir de Freud, Lacan irá designar essas articulações de cadeias significantes de “as leis do inconsciente”, sendo estas: Metáfora e Metonímia (QUINET, 2003).

Um das manifestações do inconsciente nomeada de condensação por Freud, e metáfora por Lacan, é definida como uma substituição de significantes. A metáfora é

própria da linguagem, e uma vez situada no espaço analítico, é vista como um furo na significação que se possa atribuir a qualquer significante (QUINET, 2003).

A segunda lei do inconsciente é nomeada de metonímia (Quinet, 2003) a define “como uma articulação de um significante ao outro por deslizamento”. Desse modo, na associação livre, o sujeito possibilita um reenvio de significações dos significantes pronunciados na fala. No ato de associar livremente o sujeito coloca em evidencia o inconsciente estruturado como linguagem e desejo, fazendo-se obedecer o que a Psicanálise denomina de “cura pela palavra” (QUINET, 2003).

DO SIGNIFICANTE AOS TEMPOS ESTRUTURAIS DO SUJEITO: O BRINCAR COMO UM FAZER INFANTIL

Na Clínica com crianças, localizar essa articulação de significantes é ponto fundamental. Visto desse modo, pergunta-se: O que é ser uma criança? Falar do infantil é fazer retorno a pré-história e gerações que antecedem a chegada da criança, considerando toda conjuntura configurada antes do nascimento (RODULFO, 1990).

Tendo como base a ordem fantasmática inconsciente apresentando-se em sonhos e sintoma, o que é dito pela criança vai além do que é falado a partir do imaginário dela, sendo portanto, algo do significante que tende a repetição sob transformações de gerações em gerações. Assim, no espaço de fala, nem tudo que é dito pela criança é significante, para que seja considerado como tal, tem que ser da ordem da repetição.

Uma vez que algo é introduzido com a função de significante, produz-se ao menos um pouco do novo, quer dizer, algo com certo valor distintivo. E eis aqui o segundo critério: quando um elemento adquire gravitação significante, no momento de sua introdução algo novo se traça. (RODULFO, 1990. Pág.21).

No espaço de fala ofertado ao sujeito, esses significantes, ao passo que emergem, tornam-se alvo de intervenção psicanalítica, e após essas intervenções algo do que foi dito pelo sujeito não permanece como antes, fazendo surgir efeitos de significações atrelados a construção sintomática da criança (RODULFO, 1990).

Quando se faz referência a construção sintomática da criança a partir de um dito que situa o desejo da família em relação ao sujeito, é importante considerar a prevalência do significante nessa pré-história que antecede o ser falante; porém, isso

não basta, e ir mais além do que é falado sobre essa pré-história significa implicar o sujeito diante dessa trama familiar, considerando o que o sujeito faz com isso que lhe direcionado, libidinizado. Desse modo, o significante tem o intuito de direcionamento para algo que foi construído a partir do processo de alienação e separação (RODULFO, 1990).

No Processo de análise ou oficinas com crianças, um dos recursos por vezes utilizado é o desenho, este que traz enquanto produção, revelações sobre o tempo estrutural do sujeito (FLESLER, 2012).

Lacan apresenta três registros base da realidade do humano enquanto ser falante; sendo esses registros nomeados de: Simbólico, Imaginário e Real. O simbólico é o tempo estrutural que faz registro com a linguagem, cultura, abarcando consigo todo um conjunto de significantes. O imaginário é configurado na relação especular, em que o sujeito ver o Outro como completo. O real entretanto, é um registro que escapa a nomeação de ordem simbólica (CLAVURIER, 2013).

Nesse sentido, a representação de um desenho construído busca o enlaçamento, um saber fazer com o real vivenciado pela criança; encontrando saídas e elaborações pela via do simbólico manifestado em produções lúdicas. As tentativas de representar ou dizer algo sobre este real, é um fazer que caminha em conjunto com a angústia. Nesse percurso lúdico, há uma perda de algo que foi recalçado; quanto mais 'realista' se torna a produção lúdica, mais torna-se em evidencia essa pequena perda do real e uma falha do recalque (FLESLER, 2012).

Tento como base a produção singular de cada criança,- desenhos, imagens coloridas, faz de conta, jogos, confecções de objetos -, e as conversações que ocorrem durante essas produções; percebe-se a passagem de algo do real para o simbólico e uma articulação com o imaginário pela via da representação. Desse modo, o lúdico manifestado sob a égide da transferência torna-se revelador, possibilitando o manejo do analista no sentido de causar deslizamento de cadeias significantes para possíveis elaborações. (FLESLER, 2012).

Frente ao exposto, este estudo trata de analisar oficinas lúdicas realizadas com crianças de uma instituição de acolhimento, com o objetivo de possibilitar a escuta, manejo e acolhimento de suas demandas subjetivas.

MÉTODO

Foram realizadas oficinas durante um ano em uma instituição de acolhimento do município de Campina Grande-PB. As oficinas foram realizadas uma vez por semana, com duração de uma hora. Participaram das oficinas 07 crianças e adolescentes, com idades entre 07 e 15 anos. Destas, foram consideradas para análise desse estudo, um recorte da produção discursiva de duas pré-adolescentes, de 08 e 12 anos. A escolha desse recorte se deu pelo acompanhamento da autora deste artigo, enquanto extensionista do projeto, no manejo da participação dessas duas meninas.

As oficinas foram realizadas na sala de dinâmica de grupo do departamento de psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, foram realizadas uma vez por semana durante um ano, com duração de uma hora cada encontro, conduzidos por três extensionistas, uma delas autora deste artigo. No primeiro encontro foi realizada uma apresentação e esclarecida a forma que o trabalho seria realizado: que aconteceria uma vez por semana, com duração de uma hora, que seria um espaço para elas se expressarem, falarem, brincarem e que a participação era voluntária.

As oficinas foram registradas em um diário de campo. E supervisionado por duas professoras do departamento de psicologia da UEPB. As supervisões se deram na perspectiva da psicanálise, em Freud e Lacan.

A análise das produções que circularam nas oficinas foram realizadas a partir da consideração Lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem, dando-se destaque para análise nas cadeias significantes que apareciam no discurso das meninas. Do ponto de vista psicanalítico, não existe significado fixo a nenhum significante, o que interessa é o que significantes em cadeia remete ao sujeito como também suas repetições, enquanto uma produção de sentido singular (LACAN, 1966/1998).

RECORTES E DISCUSSÃO DAS OFICINAS

“O convite da Psicanálise é um convite a dizer-se conforme o próprio desejo, ultrapassando o lugar de objeto para o Outro, constituindo-se como sujeito ao mesmo tempo em que constrói uma narrativa: é um dizer contando com a falta, produzindo novos enlaces para si, e com os outros”. (ALTOÉ, SILVA, PINHEIRO. 2012. Pág. 6)

Durante um ano ocorreram oficinas lúdicas com crianças e adolescentes em acolhimento institucional. No decorrer destas, as crianças e adolescentes trouxeram o interesse por vários contos de princesas, tais como: Branca de Neve, Princesa Sofia, Tinker Bell e Barbie Super Heroína; estes contos circularam através da projeção de filmes de partes destes contos, desenhos, pinturas e discursos. Neste artigo será tomado para análise produções que circularam em torno do filme Enrolados pelo percurso de duas participantes, Ana e Flora (nomes fictícios), através de gravuras para colorir, falas sobre a história e montagem de um painel.

O filme Enrolados, surge a partir de uma adaptação da Disney do conto de fadas Rapunzel. O enredo inicial do filme mostra os efeitos de cura criados por uma flor mágica. Uma Bruxa chamada Gothel descobre que o cabelo da pequena Rapunzel causa efeito semelhante à da flor mágica, e assim, resolve sequestra-la, trancando-a em uma torre e criando-a como filha. Nessa nova versão do conto, Rapunzel, repleta de sonhos e determinação, tenta sair de uma torre depois de 18 anos presa nesse local. Nessa saída da torre conhecer Flynn (que estava fugindo após um roubo); Rapunzel ver na figura deste homem uma possibilidade de conhecer o mundo que existe para além da torre. Ao superar tantas dificuldades, inclusive desafiando a própria mulher que chamara de mãe, ao sair da torre ver luzes, fogos que eram soltados no dia de seu aniversário; descobrindo que nesse dia de comemoração com as luzes, era um festejo do reino para celebrar o nascimento da princesa que estava sendo procurada desde o período do rapto feito por uma mulher. Assim, Rapunzel descobre por meio de informações dos guardas do castelo que essa princesa tão procurada pelos pais era ela própria, pois, a garota possuía o símbolo da realeza: uma coroa herdada dos pais. Durante as aventuras com seu mais novo amigo Flynn, Rapunzel se fascina com tudo que esbarra, com o novo, uma

simples grama, a grande movimentação de uma cidade etc. No final do filme, a menina sonhadora encontra seus pais, que desde então desconhecia, tornando-se princesa do reino e casando-se com Flyn.

Freud, na Conferência XXIII, fala sobre a fantasia como forma de satisfação parcial de um desejo inconsciente, de forma que quando há a insatisfação de um desejo, o ser falante produz como recurso simbólico a própria fantasia, seja por via de sonhos, jogos lúdicos, músicas e arte. Nesse sentido, passado, presente e futuro se articulam com as vivências do sujeito, resgata-se o que já vivenciou e projeta o que deseja vivenciar. As oficinas lúdicas oferecidas nesta perspectiva psicanalítica ocupa a função do analista, colocando um espaço para a fala como possibilidade de ressignificação diante do que foi vivenciado na ordem traumática. Na presente análise, de um recorte das oficinas realizadas, as meninas fazem uso da contação da história de Rapunzel para falar do desejo de poder voltar para a família, lugar que enquanto sujeito se constituíram e que são, portanto, uma referência de pertença, mesmo que falha, uma vez que os vínculos parentais não se sustentaram (FREUD, 1916).

Durante a conversação sobre o filme, Flora ressaltou o quanto gostou das luzes que eram soltas uma vez a cada ano no reino, no dia do aniversário da princesa. Ana complementa dizendo que gosta da história de Rapunzel, pois a princesa tinha o sonho de voltar para a família de origem. Através desse dito, percebe-se uma identificação de Flora e Ana com a trama familiar da princesa; uma criança que desde o nascimento foi retirada da família, sendo o ato de voltar para casa o maior sonho da personagem.

Flora e Ana trazem em seus discursos esse desejo de poder voltar para a família e conviver com seus pais, ao passo que vivenciam uma situação de acolhimento institucional, que embora do ponto de vista da política pública que oferece o serviço de acolhimento, o trabalho deve ser voltado para a reintegração na família de origem ou, quando impossibilitada essa alternativa, colocação em família substituta, esse processo, em muitos casos, são conduzidos prioritariamente motivados por uma resposta jurídica burocrática, não sendo priorizado a consideração do lugar de sujeito, com demandas subjetivas decorrentes de uma difícil história familiar.

Ao falar sobre os sonhos de Rapunzel, Flora e Ana relataram que também têm sonhos, mas no primeiro momento não sabiam falar quais sonhos eram esses,

posteriormente, Ana falou que queria muito fazer faculdade de psicologia e Flora falou que o seu sonho é ser veterinária e também ter o cabelo grande como o de Rapunzel.

Ao falar sobre seus sonhos, percebe-se um sinal de transferência no discurso de Ana, ao dizer que um de seus sonhos é estudar Psicologia. A transferência é o pilar essencial para que aconteça o processo de elaboração, se configura a partir de uma demanda de amor e acolhimento. Esta caminha junto com a resistência e deve ser manejada no processo analítico. No manejo da transferência, o desejo do Analista sustenta a função de causa para que elaborações aconteçam e o sujeito se implique e se responsabilize por sua história e escolhas (MAURANO, 2006).

Durante a conversação na oficina, Ana fala que gosta da Rapunzel pelo fato da princesa sempre estar na janela sozinha. Nesse momento, a própria Ana ressalta que gosta também de ficar sozinha; inclusive, quando alguém se aproxima para conversar ou brincar, ela diz não gostar.

Para além da identificação com a trama familiar da Princesa Rapunzel, há também uma identificação com a própria personagem quando Flora diz querer um cabelo grande. Os longos cabelos de Rapunzel são uma marca da princesa, o que há de mais forte, belo e poderoso da personagem; ofertando indícios do que há de feminino e sobre a captura de Flora sobre a insígnia do ser/se fazer mulher. Além disso o cabelo de Rapunzel remete ao significante do poder da mágica e cura.

Outra personagem aparece como destaque nos discursos de Flora e Ana: a Bruxa. Ana fala que Rapunzel é raptada pela bruxa. Na oficina, Ana relata ter sido levada para a casa de acolhimento por uma mulher, tendo frisado não ser uma assistente social, além de ninguém explicar o motivo pelo qual a fez ir para a instituição. É relevante ressaltar que no conto, Rapunzel é levada para uma torre sem ter escolha e foi enganada pela bruxa que dizia ser mãe da princesa.

Nesse tempo da oficina, as meninas esboçavam uma rivalização com a bruxa do conto. Ana, ao relatar seu não saber sobre o motivo de sua chegada à instituição de acolhimento, Ana fala de si através do rapto de Rapunzel feito pela bruxa. Na história de Ana não houve a possibilidade de falar, saber sobre o seu processo de retirada da família, foi colocada, assim, no lugar de objeto; saber negligenciado, negado por uma mulher desconhecida. Esse não saber vivenciado via real traumático por Ana, configura-

se como um embaraço na sua história. A escolha e ditos em torno da história de Rapunzel é uma forma que Ana encontra, no espaço da oficina, de falar de si diante do real.

O sujeito Neurótico ao se defrontar com o real, faz uso da fantasia para produzir um saber fazer com aquilo que escapa a simbolização, nesse sentido, a fantasia se configura também como uma defesa diante do real; no momento lúdico, a própria oficina ocupa esse lugar de recurso para falar daquilo que angustia Ana (NASCIMENTO, 2010).

Em uma das oficinas foi proposto pelas meninas a construção de um cartaz, no qual seriam colocadas cenas escolhidas por elas, Ana organiza as gravuras da história de Rapunzel. A primeira figura escolhida foi a da família. Ana ressaltou que representava o nascimento de Rapunzel e que a família se sentia feliz. Na sequência, a segunda imagem foi a da Bruxa levando a criança. Nesse momento, Ana enfatiza: “a bruxa raptou a menina porque ela era ruim”.

No primeiro momento do cartaz, mostra-se a família de Rapunzel reunida, e as meninas enfatizam a felicidade que pairava; pois o nascimento da princesa foi motivo de alegria no reino. A separação de Ana e Flora da família de origem marca o discurso delas, ao ponto de rivalizarem com a personagem que rapta a princesa.

Essa “bruxa” aparece na história de vida de Flora e Ana; ‘bruxa’ enquanto função de quem as separa dos pais, esse Outro que invade e corta os laços familiares. Nada é esclarecido para as meninas, a verdade sobre a retirada delas da família é ocultada, escondida; e isso provoca angústia nelas, uma angústia que insiste e que é suportada ser falada via contação de uma história dos contos de fadas.

No decorrer da oficina, tomar o lúdico como forma de associação livre do infantil é abrir espaço para que emerja o sujeito do ser falante; de modo que, com uma escuta flutuante, se aposte em criações de novos arranjos diante desse desamparo decorrente da separação da família (FLESLER, 2012).

Diante do que foi dito por Ana, foi perguntado como havia ficado a família de Rapunzel com o rapto da menina, elas responderam: “a família ficou triste e preocupada, que a família tinha mandado guardas (para busca-la de volta), mas que estes não a encontrou”. As meninas mais uma vez falaram não gostar da bruxa.

As demais figuras sequenciadas mostraram o percurso da princesa dentro da torre e o momento de sua saída. Foi dito por Ana nesse momento: “Rapunzel conseguiu sair fugindo”. E complementa dizendo: “foi o único jeito”. Flora disse: “ela fugiu porque ela ficava sozinha”.

Flora foi adotada, porém, solicitou voltar para o abrigo após 1 ano, pois relatou se sentir sozinha, e disse: “eu não tinha nada pra fazer, ficava apenas no quarto.”

Nesse tempo da oficina, ao se identificar com o modo de vida de Rapunzel, esta que encontrava-se na história aprisionada e solitária; o significativo que emerge no discurso de Flora dá indícios de como foi para ela o processo de adoção que vivenciou. O ‘sozinha’ faz revelar um aprisionamento em um ambiente que dizia ser sua família. Flora não encontra nada que tenha desejo de fazer, trazendo para a oficina uma queixa de ter ficado apenas no quarto. Esse dito parece sinalizar que na tentativa de adoção, a vinculação não aconteceu, Flora não se encontrou no desejo desses pretensos a adotá-la.

A possibilidade de adoção é vivida pelas crianças que estão em processo de Acolhimento Institucional, sendo assim, uma forma de poder conviver em uma nova família. Diante do que foi dito por Flora, é importante se pensar por onde se passou o desejo dessa família de adotá-la enquanto filha. Além disso, refletir o modo pelo qual é feita a articulação entre a família adotiva, a instituição e a própria criança. É preciso pensar sobre a posição que Flora ficou nesse processo, o quanto se fez sujeito ou do quanto mais uma vez ficou na posição de objeto.

Ana nesse momento fala: “a fuga da princesa foi para realizar o seu sonho, o de estar junto da família”. Mais uma vez Ana traz em seu discurso o sonho da princesa de poder está junto a família. Essa repetição presente no discurso de Ana é sustentada por uma fantasia que a faz querer também o reencontro com sua família, de poder voltar a conviver com seus pais. A fantasia de cada sujeito faz articular os 3 registros psíquicos: o simbólico, real e imaginário (NASCIMENTO, 2010).

O simbólico que surge como representando do sujeito barrado, do falasser enquanto aquele que possui desejo e linguagem. O imaginário e o real traz como representante o pequeno ‘a’. É essa articulação entre os registros que movimenta o desejo e organiza a realidade do humano, apaziguando, por vezes, daquilo que provoca angústia (NASCIMENTO, 2010).

A próxima imagem escolhida pelas meninas mostra o momento em que a princesa consegue sair do castelo e, por nunca haver saído da torre, sente medo da grama. A grama nesse contexto que é falado, representa o novo, uma conquista, algo que está fora da torre e que precisa ser vivido, experienciado. Quando as meninas falam que tem sonhos, inclusive de conquistar uma profissão, visando uma autonomia, falam, o novo que se coloca como uma possibilidade.

Por fim, colocaram a figura do reencontro de Rapunzel com a sua família, e disseram que a família nunca desistiu de reencontrá-la. Na construção final do painel com as imagens escolhidas, as meninas decidem dar um nome para o cartaz construído, nomeado-o de: Enrolados, tal como o nome do filme que conta a história de Rapunzel.

Durante o percurso da oficina, percebeu-se o quanto que o conto da princesa Rapunzel causa as meninas em seus processos de ressignificação e construções de novos arranjos para se defender da angústia. Uma princesa que também vivenciou uma ruptura na relação com os pais, buscando em si mesma coragem para poder ir ao encontro daquilo que dizia ser seus sonhos, fazendo furo em uma relação com a madrasta, que se propunha a ser completa, aquela que não deixava faltar nada a princesa, porém algo escapa, algo do não dito insiste em não cessar de se inscrever. É esse espaço de poder deslizar via simbólico, frente ao real, que as oficinas se prestavam, ocupando a função do analista.

Cada uma com suas singularidades, as meninas vivenciam essa possibilidade de poder fazer furo nesse Outro Institucional, “torre da princesa Rapunzel”. Muitos sonhos e desejos as sustentam. Sonham em serem ‘soltas’, sonham em fazer faculdade, sonham em poder conviver com os pais ou até mesmo um lar que possam chamar de família, sonham em poder reconstruir aquilo que foi despedaçado, rompido.

O filme traz uma versão adaptada do Conto Rapunzel, uma princesa que encontra e busca em si saídas, além disso, traz na nova versão da trama o nome: Enrolados. Esse funciona como significante que em cadeia constrói sentido de forma singular na história de cada uma das meninas: Enroladas.

O significante Enrolados sustenta o conteúdo que é dito no discurso das meninas pela via do lúdico. As meninas são enroladas quando são levadas a instituição de acolhimento sem ter conhecimento do processo, quando não tem espaço para aquilo que

há de mais singular em cada uma: sua subjetividade enquanto sujeito; buscando como saída um próprio desenrolar, um novo enlaçamento, diante daquilo que causa angústia.

A oficina portanto, e o manejo que é feito a partir do que é escutado, proporciona, enquanto função de ‘causa’, uma possibilidade de um desenrolar disso que aparece como enrolado, de modo que esse desenrolar se reconstrua sob forma de novos arranjos menos danosos para Ana e Flora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de fala e as tentativas de reelaborações pela via do lúdico, ofertaram um lugar de sujeito a essas meninas acolhidas sob tutela estatal. Com base em uma escuta que acolheu as demandas subjetivas trazidas as oficinas e uma relação transferencial que circulou durante os encontros, percebeu-se efeitos singulares e sutis no processo de elaboração diante do real e do desamparo. Para além do acolhimento, apostou-se nas possibilidades das próprias meninas elaborar saídas possíveis para o real que tanto lhes angustiam, de modo a experimentarem o lugar de agentes de suas próprias histórias.

ABSTRACT

Since the colonization period, childhood in Brazil has been marked by violence and mistreatment. In this way, orphanages, houses of mercies, vocational schools, reformatories, asylums and day care centers sought to attend to all this situation. In the 1990s with the enactment of the ECA, all children, without distinction, became subjects of rights. Among the assistance measures offered by the state are the host institutions, these being classified as a measure of high complexity. Given this context and the problems of violation of social rights, the difficulties experienced by families, as well as the disarticulation between public policies and the annihilation of the place of subject in the functional dynamics of institutions; difficulties experienced by the children they receive, it is essential to intervene so that these children overcome such difficulties that have led them to be provisional guardianship of the state. Based on the partnership between the State University of Paraíba (UEPB) and a host institution in the municipality of Campina Grande-PB, an Infanto / Juvenil project was carried out with girls at the institution's home with the objective of offering a space for listening, management and reception of the subjective demands of these girls who are helpless and accepted under state tutelage. The present study deals with the analysis of a cut of a period of accomplishment of said project. Both the management and the analyzes made from the workshop cut-outs were based on the theoretical references of Psychoanalysis in Freud and Lacan; taking as its basis the aphorism: "The unconscious structured as language", as well as the signifiers present in the discourses of the girls, bet on a know-how, through play, of what was a source of anxiety; in order to offer a place for singularity and subjective production.

Key words: Play. Storytelling. Host Institution. Psychoanalysis

REFERÊNCIAS

ALTOÉ.S. SILVA.M.M. PINHEIRO.B.S. **Circulação de criança e o desamparo.** Revista Electrónica de geografia e ciencias sociales. Universidad de Barcelona. Vol. XVI, núm. 395 (19), 15 de marzo de 2012.

BLEICHMAR. C.L; BLEICHMAR. N. **A Psicanálise depois de Freud: Teoria e Clínica;** trad. Francisco Franke Settineri. 1992.

CLAVURIER. V. **Real, Simbólico, Imaginário: Da referência ao nó.** Vicent Clavurier; trad. Elisa dos Mares Guia Menendez. Título original: Réel, symbolique, imaginaire: du repère au nœud. Texto publicado originalmente na Revista Essaim: Essaim, n. 25, Erès, Toulouse, 2010, p. 83-96. Estudos de Psicanálise | Belo Horizonte-MG | n. 39 | p. 125–136 | Julho/2013

MAURANO.Denise. **A Transferência: Uma viagem rumo ao continente negro/** Denise Maurano. – Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELIA, L. **O Conceito de Sujeito.** Zahar, 2004. 80 p.

FLESLER, Alba. **A psicanálise de crianças e o lugar dos pais.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD. Sigmund. Conferencia XXIII. **Os caminhos da formação do sintoma.** 1916. In:-Edição Standart Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: imago, 2007.

LACAN, J. (1996). **Apêndice II: A metáfora do sujeito.** In: J. Lacan, *Escritos*. (I. Oseki- Depré, trad.; pp. 337-342). São Paulo: Perspectiva. (Original publicado em 1966).

LACAN, J. (1998). **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In: J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1966).

LACAN, J. (1901-1981). **Outros escritos** / Jacques Lacan; [tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles]. _ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

NASCIMENTO. B.M. **Alienação, Separação e Travessia da Fantasia**. Opção Lacaniana on line novas séries. Ano.1. número 1. 2010.

PESETTA.M;A;M; BESSET.L.V; . **Alienação e Separação: Elementos para discussão de um caso clínico**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 2, p. 317-324, abr./jun. 2011.

QUINET, Antonio. **A Descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma** / Antonio Quinet. – 2.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

RODULFO, Ricardo. **O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precose**/ Ricardo Rodolfo; trad. De Francisco Franke Settineri. –Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.